

IMPASSES NA SALA DE AULA, ATENÇÃO E LABORATÓRIO ESTÉTICO

Beatriz Sancovski¹
Luiz Antonio Saléh Amado²

RESUMO

Não é rara a queixa, por parte dos discentes, de que estar em sala de aula não faz sentido. Por outro lado, os docentes ressentem-se de que ensinar tem sido um desafio. Docentes e discentes encontram-se diante de um impasse que merece ser examinado de perto. O artigo assume essa tarefa, inicialmente, a partir da análise do funcionamento da atenção na sala de aula no ensino superior. Apoiados na ecologia da atenção de Yves Citton, vemos nascer uma complexidade de regimes atencionais que coexistem e se coafetam, tornando a queixa sobre a (des)atenção insuficiente. Em seguida, assume a proposta dos laboratórios estéticos como modo de intervir sobre os ecossistemas atencionais existentes. Conclui com a aposta de que a ecologia da atenção abre novas perspectivas para enfrentar os impasses vividos nas salas de aula hoje.

PALAVRAS-CHAVE: *atenção, sala de aula, laboratório estético, produção de subjetividade.*

¹ Doutora em Psicologia pelo PPGP/UFRJ e Professora do IP/UFRJ.

² Psicólogo, Doutor em Psicologia Social pelo PPGPS/UERJ. Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atuando no Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ) e no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ).

CLASSROOM IMPASSES: ATTENTION AND AESTHETIC LABORATORY**ABSTRACT**

Students often complain that being in the classroom does not make sense. On the other hand, teachers are resented that teaching has been a challenge. Professors and students are dealing with an impasse that deserves to be examined closely. For this purpose the article will analyse the attention in higher education classroom. Based on the ecology of attention, proposed by Yves Citton, we observe the growing of complexity of attentional regimes that co-exist and co-affect each other transforming the complain about attention insufficient. Afterwards, the article proposes the aesthetic laboratories as a way of intervening over the existing attention ecosystems. Finally, it comes to the proposal that the attention of ecology opens new perspectives to face the impasses lived by professors and students in the classroom today.

KEYWORDS: *attention, classroom, aesthetic laboratories, production of subjectivities.*

O QUE SE PASSA NA SALA DE AULA HOJE?

Este é um artigo escrito por dois professores de Psicologia que atuam no ensino superior, tanto no curso de Psicologia quanto nas Licenciaturas, e que têm suas atividades voltadas para o campo da aprendizagem e da educação. Neste contexto, o cotidiano da sala de aula tem nos desafiado tanto em nossas práticas docentes quanto em nossas pesquisas. Não é rara a queixa, por parte dos discentes, de que estar em sala de aula não faz sentido. Por outro lado, os docentes ressentem-se de que os alunos não querem nada com o estudo e que ensinar tem sido um desafio. Docentes e discentes encontram-se diante de um impasse que merece ser examinado de perto.

Os trabalhos de Cristina Corea (2011) e de Paula Sibilia (2012) analisam alguns aspectos presentes nesse impasse. Corea afirma que o momento atual é marcado pela fluidez e, sobretudo, pela instabilidade da experiência. A partir do trabalho com estudantes da graduação e da pós-graduação, alerta sobre o esgotamento da subjetividade pedagógica. Ao analisar a inadequação das respostas dos alunos às perguntas escritas, formuladas pelos professores em provas e avaliações, foi entendendo que o problema deveria ser colocado mais em termos de processos de subjetivação e menos como dificuldades pedagógicas. Segundo Corea, o tipo subjetivo que se produz atualmente – um tipo que surge a partir da experiência midiática e, portanto, com destreza para responder às interpelações deste meio – não se adequa ao modo de funcionamento da universidade nem é alcançado pelos enunciados, práticas e rituais que compõem o discurso universitário. A inadequação, portanto, não estaria relacionada apenas à (não)resposta a uma pergunta ou a um problema de compreensão, mas a algo mais fundamental: o discurso universitário requereria uma subjetividade que não estaria mais sendo produzida em nossas práticas sociais. Ignacio Lewkowicz (2011), em diálogo com Corea e Michel Foucault, formula como hipótese a falência do projeto moderno do Estado-Nação. Segundo ele, este seria a base do projeto de escola moderno. Com a sua falência, a escola entra em deriva, deixando de produzir, através de suas práticas, a subjetividade pedagógica.

Sibilia, por sua vez, apoia-se em Corea a fim de buscar elementos que a ajudem a refletir sobre a obsolescência (ou não) da escola. Em suas análises destaca principalmente a presença das novas tecnologias. Segundo ela, as tecnologias atuais têm contribuído para configurar um ambiente educacional responsável por constituir subjetividades bastante distintas das que estávamos acostumados a ver. Certamente

não se trata, nem para Coreia e nem para Sibíria, de resgatar uma subjetividade pedagógica ideal, supostamente alterada ou distorcida pelas tecnologias ou práticas sociais, cuja transformação vem sendo notada há algum tempo. Numa outra direção, buscam reconhecer como se constitui o ambiente educacional e a subjetividade na atualidade. E, assim, constituí-lo como “espaço de encontro e diálogo, de produção de pensamento e decantação de experiências” (SIBILIA, 2012, p. 211).

Estamos de acordo quanto às transformações das subjetividades na contemporaneidade engendradas, segundo as autoras supracitadas, com as alterações ocorridas na sociedade e que se expressam nos ambientes contemporâneos de educação formal, como escolas e universidades. Neste texto, todavia, pretendemos examinar um aspecto mais específico que nos parece concorrer para a constituição deste impasse entre docentes, discentes e o cenário da educação nos dias atuais. Trata-se do funcionamento da atenção no contexto da sala de aula no Ensino Superior. Assim, partiremos de discussões sobre a atenção na sala de aula, introduzindo a ideia da presença de uma ecologia atencional e apresentaremos a proposta dos laboratórios estéticos como modo de intervir sobre os ecossistemas atencionais existentes.

As análises aqui desenvolvidas apresentam-se em continuidade aos nossos estudos anteriores (SANCOVSCHI, 2010; SANCOVSCHI & KASTRUP, 2013; 2015; AMADO, 2016; MOREL & AMADO, 2016). Em um deles (SANCOVSCHI, 2010), investigou-se a cognição contemporânea centrando-se sobre as práticas de estudo dos estudantes de psicologia do município do Rio de Janeiro. A singularidade do funcionamento atencional ganhou destaque. Identificou-se a presença, por exemplo, de uma atenção saltitante e sem ritmo³, da atenção dividida e de uma atenção suficiente. O acoplamento da cognição com o computador-internet nas práticas de estudo foi destacado como uma das características de nossa contemporaneidade. Procurou-se demonstrar como tudo isso concorria para que o estudo se apresentasse, de maneira hegemônica, antes como uma tarefa a ser solucionada do que como uma experiência a ser vivida. Diferente da tarefa cujo

³ Para pensar a questão do ritmo no funcionamento atencional utilizou-se como referência principal o trabalho de Simone Weil (1979). Esta autora refere-se à diferença entre o ritmo e a cadência ao analisar os movimentos dos operários nas fábricas fordistas-tayloristas. Segundo ela, enquanto o ritmo supõe um intervalo que ao mesmo tempo pausa e re-conecta o movimento, o segundo é formado pela justaposição de movimentos desconectados. Sendo assim, quando na ocasião afirmou-se a presença de atenção saltitante e sem ritmo era para caracterizar uma atenção entrecortada, formada por movimentos desconectados e justapostos (Sancovski, 2010, p.132).

objetivo principal é a performance, é resolver problemas dados de antemão, o estudo como experiência não tem fim ou finalidade. O estudo como experiência é uma aventura que articula o sentir, o pensar e o agir, da qual em geral saímos transformados. Mas na qual corremos algum risco de deformação. Na argumentação, ressaltou-se que, embora as práticas de estudo contemporâneas não impeçam a experiência, elas dificultam que a experiência ganhe consistência em função das singularidades dos funcionamentos cognitivos/ subjetivos com elas produzidos. Por mais que se tenha avançado na cartografia da cognição contemporânea através das práticas de estudo, sentiu-se falta naquela ocasião de investigar como as práticas pedagógicas participavam, interferiam, produziam aqueles regimes atencionais singulares.

Em seus estudos, Amado (2016) tem se interessado pela relação entre os dispositivos pedagógicos e a produção de subjetividades. Na discussão que faz deste tema, analisa os efeitos das práticas pedagogizantes sobre a constituição de subjetividades. A avaliação da aprendizagem e o currículo, por exemplo, não são encarados como meros instrumentos pedagógicos, constituídos por técnicas e procedimentos objetivos que, uma vez aplicados, garantiriam a aprendizagem. Entendidos como dispositivos, procura analisá-los quanto à instrumentalização de práticas discursivas e não discursivas que ultrapassam o âmbito da produção de conhecimento, engendrando modos de ser e estar no mundo. No que tange às práticas pedagógicas e às tecnologias de informação atuais, Morel e Amado (2016) colocam em análise experiências pedagógicas apresentadas como inovadoras, como a *classe inversée*⁴ e a vídeo aula, considerando o risco de padronização da subjetividade, assim como seu desejável potencial criativo. Tais propostas inovadoras são entendidas como expressão de uma rede que envolve a instituição escolar, o mundo contemporâneo e os processos de subjetivação. A fim de abordar a questão dos regimes atencionais, apoiam-se em trabalhos da psicologia cognitiva, da comunicação e da educação, sem tomar a atenção, contudo, restrita à condição de pré-requisito para que o aprendizado ocorra. Deste modo, a relação entre atenção e aprendizagem se modifica a partir do dispositivo pedagógico, abrindo diferentes perspectivas no campo educacional, o que permite o desenvolvimento de outras formas de cognição. Ao defenderem a

⁴ Cf. Kahn Academy (s.d.). Khan Academy. Recuperado em 4 de novembro, 2016, de <http://pt.khanacademy.org>; Classe Inversée [2013]. Recuperado em 21 de fevereiro, 2014, de <http://www.classeinversee.com>

reapropriação e ressingularização do uso da mídia, os autores afirmam a intenção de buscar nas propostas consideradas inovadoras, não o que as vincula aos índices materiais-tecnológicos-discursivos de modernização ou de atualização, mas àquilo que possibilitaria as brechas no âmbito da educação para outros arranjos, outras experiências cognitivas, aquilo que, enfim, pode potencializar modos de funcionamento diferentes e, portanto, outras subjetividades.

PESQUISAS SOBRE O FUNCIONAMENTO DA ATENÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

Muito tem se discutido sobre a atenção no contexto da educação, em geral, e da sala de aula, em particular. Na maioria das vezes, trata-se de pensar como trabalhar a atenção do aluno para que ele aprenda, como ajudá-lo a focar no conteúdo e nas tarefas, como evitar a distração e dispersão. Por detrás das discussões e pesquisas percebemos a presença, cada vez mais banalizada do diagnóstico do Transtorno do Déficit de Atenção (TDA). No entanto, a maior parte dos trabalhos concentram suas análises no ensino fundamental ou médio. Realizamos uma revisão bibliográfica no *Scientific Electronic Library Online - Scielo*⁵, em outubro de 2017, procurando identificar artigos que discutissem a atenção na sala de aula do ensino superior. Com este objetivo, descritores como: atenção, sala de aula, graduação, ensino superior e aprendizagem foram correlacionados e utilizados na busca. Semelhante às discussões sobre atenção no contexto do ensino fundamental e médio, a maior parte dos artigos apresentava um enquadre patologizante – traduzido pela ideia de *déficit* de atenção –, a partir do qual o sujeito é percebido tanto como origem do problema quanto como aquele sobre o qual devem ser realizadas as intervenções para a superação das dificuldades atencionais. Apenas um número pequeno de artigos se referia à atenção na sala de aula, ampliando as abordagens individualistas e patologizantes e estabelecendo relação com o ambiente que envolve as situações de aprendizagem. Entre estes, dois discutem o tema no ensino superior.

Num deles, Marchiori et al. (2011) propõem o aprimoramento do desempenho do professor universitário, em relação às novas tecnologias, com vistas à melhoria da atenção do aluno. Partindo do pressuposto que a Didática é a ferramenta cotidiana do docente, e que esta deve evoluir em paralelo às mudanças da sociedade, defendem que

⁵ <http://www.scielo.org/php/index.php>

o bom desempenho ensino-aprendizagem depende da eficiência da ação educativa. Esta eficiência estaria relacionada ao uso das novas tecnologias e à capacidade do professor em manter a atenção do aluno, o que poderia ser conseguido por meio da integração entre as ações educativas e os interesses do aluno. Com isso, entendem os autores, seria possível evitar a dispersão e conseguir a atenção consciente no ensino universitário. Entretanto, embora reconheçam o papel do professor no que se refere à questão da atenção do aluno, ao considerarem esta última como um “investimento pessoal em relação a um determinado objeto” (2011, p. 433), os autores se aproximam das formulações mais comuns, caracterizadas pelo enfoque econômico individual sobre a atenção⁶.

Em outro artigo que trata do ensino superior, Batiz et al. (2009) partem do pressuposto de que a temperatura e a qualidade do ar interferem na performance do aprendizado⁷. Assim, avaliam a relação entre o conforto térmico na sala de aula de cursos universitários e o rendimento da atenção e da memória dos estudantes. Apesar de abordarem o problema da atenção a partir da interferência do ambiente, realizando, portanto, um certo deslocamento da discussão predominante no campo. A exemplo do texto anterior, eles operam segundo a lógica da economia da atenção, pois analisam as condições de gestão ótima dos recursos atencionais, de modo a garantir o desempenho eficiente das tarefas no campo da aprendizagem. Desse modo o ambiente aqui participa apenas como contexto que pode favorecer ou dificultar a gestão da atenção para uma performance eficiente.

No contexto internacional, o trabalho seminal de K. Hayles (2007) aposta em uma mudança geracional em nossos estilos cognitivos, o que coloca desafios para a educação em todos os níveis. A partir desta hipótese, passa a examinar diferenças entre dois modos de funcionar da atenção: atenção profunda (*deep attention*) e hiperatenção (*hyper attention*). A atenção profunda seria marcada por longos períodos

⁶ Com base na definição de economia como estudo de como a sociedade usa seus recursos escassos, os teóricos que defendem a proposta da economia da atenção afirmam que hoje a atenção é o recurso mais raro. Sendo necessário estudar como gerenciar esse recurso no sentido de obter lucros. Para mais detalhes sobre a economia da atenção ver T.Davenport e J.Beck (2001); M.Goldhaber (1997); P.Lévy (2004).

⁷ Trata-se de um artigo desenvolvido por professores e pesquisadores da área técnica, cujo objetivo era “estimar a performance da atenção e memória de estudantes universitários sob variações térmicas” (BATIZ et al, p.479). Os autores não aprofundam as discussões sobre a atenção e apresentam uma perspectiva que busca a adaptação do ambiente a fim de se obter melhores condições de saúde, bem-estar e rendimento.

de concentração em um único objeto. Dessa forma, haveria uma preferência por acompanhar o curso de uma única informação, sendo os outros estímulos ignorados. Já a hiperatenção envolveria uma mudança rápida de foco em diferentes tarefas. Haveria uma preferência por seguir o fluxo de muitas informações, havendo necessidade de um alto nível de estimulação e pouca tolerância ao tédio. Menos do que defender um desses modos, Hayles se ocupa de examinar suas diferenças, suas vantagens e desvantagens e nos faz pensar sobre como conviver, tendo como foco o cenário educacional. Como dar aula para os jovens, considerando a singularidade de sua atenção? Citamos:

Esta situação não apresentaria problema se não estivéssemos vivendo uma mudança geracional da atenção profunda para a hiper atenção. Mas com a mudança, começam a aparecer sérias incompatibilidades entre a expectativa dos educadores que se formam (*are trained*) na atenção profunda e saturados com informações sobre sua inerente superioridade e o modo cognitivo preferido dos jovens⁸ (HAYLES, 2007, p.188).

Ao final do seu texto, passa a examinar algumas experimentações, como por exemplo a realizada pelo professor da *University of Southern Califórnia*, Scott Fisher. Este propõe uma sala de aula interativa através da mediação de computadores e telas espalhadas pela sala e conectados por uma rede sem fio. Ele convoca os alunos a fazerem buscas na internet e/ou comentarem o que está sendo apresentado pelo professor em tempo real. Com isto espera mobilizar a atenção dos alunos que funciona, na maior parte do tempo segundo o padrão da hiper atenção e fazê-la durar o suficiente para que os alunos acompanhem o que está sendo trabalhado pelo professor.

Outras experiências buscam otimizar a capacidade dos alunos para experimentarem a atenção profunda. Estas iniciam-se valendo-se da hiper atenção para, apoiadas nela, desenvolver a atenção profunda. Hayles traz aqui um exemplo de uma experiência sua no ensino do livro *A Educação* de Henry Adams. Aqui também as tecnologias e as redes sociais são convocadas como mediadores do ensino. A ideia é experimentar uma aproximação gradual com o conteúdo tentando transformá-lo em algo mais próximo da linguagem e do modo de escrever de hoje. O terceiro exemplo refere-se à mediação do estudo de uma complexa novela de William Faulkner por um jogo de video game.

⁸ A tradução deste texto, assim como os demais em idioma estrangeiro, foi feita pelos autores do artigo.

Embora importante e interessante, a argumentação da Hayles tem como base uma concepção individual e em alguma medida representacional da cognição. Tal fato limita, a nosso ver, o alcance e a radicalidade de sua análise. Além disso, as experiências que propõe analisar parecem apenas tentar transformar o complexo conteúdo universitário em algo mais palatável à cognição dos jovens. Ainda que estas experimentações tenham seu valor, será que é disso que se trata? Será que o nosso desafio é diminuir a resistência aos conteúdos? Notem que em todos os casos a ideia da transmissão da informação permanece presente, sendo uma questão apenas pensar como a transmissão será efetuada. Talvez o problema seja outro. Talvez seja importante recolocar a questão da atenção na sala de aula. Não a partir da atenção necessária para captar a informação transmitida pelo professor mas, a partir do entendimento do complexo jogo de atenções que surgem no contexto da sala de aula.

ATENÇÃO NA SALA DE AULA: DA VIGILÂNCIA À ECOLOGIA DA ATENÇÃO

Desde as análises foucaultianas sobre o poder disciplinar (FOUCAULT, 1989), a sala de aula tem sido pensada à luz da vigilância. A vigilância é entendida a partir de uma articulação entre formações arquitetônicas e alguns dispositivos que teriam por finalidade construir um regime de visibilidade que ao mesmo tempo faria ver e controlar os corpos. Nas salas de aula, por exemplo, a distribuição dos alunos pelo espaço através da organização de mesas e cadeiras, do lugar do professor e, da circulação de alunos e professor durante uma aula representam a materialização da vigilância. No entanto, destacamos, a vigilância constitui também um regime atencional. Este, embora esteja sendo tratado em nossa atualidade como equivalente ao processo de atenção sustentada (GÓMEZ-INIGUEZ, CARBONELL-VAYÁ & MARTIN DEL RIO, 1999), refere-se ao tipo de atenção envolvida nas atividades de monitoramento (SANCOVSCHI, 2010, p.127-128): “Situações em que um observador ou ouvinte deve continuamente sustentar a sua atenção a fim de vigiá-la, não deixando escapar eventos previamente identificados - alvos - que podem aparecer ou desaparecer a qualquer momento no campo perceptivo”. A vigilância configura-se, portanto, como “uma atenção contínua, com foco bem definido - o alvo -, capaz de prontamente detectar seu aparecimento no campo perceptivo e desencadear uma ação adequada” (SANCOVSCHI, 2010, p.128).

Tecendo uma articulação entre Foucault e os estudos da atenção, conceber a sala de aula à luz da vigilância implica entender a existência de um funcionamento atencional privilegiado. Este, conforme já mencionado, pressupõe atenção contínua, foco bem definido e capacidade de detecção de elementos pré definidos. Se Foucault, ao se preocupar com a formação dos corpos dóceis das futuras gerações, enfatiza a vigilância do professor em relação ao aluno. Uma análise da vigilância como regime atencional privilegiado no contexto da sala de aula implicaria que pensássemos na exigência de uma atenção contínua e focada tanto por parte de professores quanto de alunos. Estes, porém teriam alvos ou elementos pré-definidos diferentes. Os professores deveriam estar atentos aos sinais de indisciplina ou de não aprendizagem dos alunos, por exemplo. Os alunos deveriam focalizar naquilo que acreditam ser necessário aprender. A fim de exemplificar e desenvolver nossa argumentação, traremos ao longo do texto falas de estudantes de psicologia entrevistados em 2008 a respeito de suas práticas de estudo (SANCOVSKI, 2010). Na ocasião, utilizamos a técnica da entrevista de explicitação concebida por Pierre Vermersch (2000). A entrevista de explicitação visa auxiliar na verbalização da ação efetuada. A ideia é acessar o processo e não a sua representação. Trabalhamos com 15 entrevistas transcritas que foram identificadas pelos códigos de E1 a E15. Nossa amostra contou com estudantes de duas universidades públicas e duas universidades privadas do município do Rio de Janeiro⁹. Vejam o que diz essa estudante do curso de psicologia:

[...]Com o tempo, você já sabe o que o professor vai querer. Quando ele põe o topicozinho lá no quadro você já sabe...você já mesma fala: 'isso vai cair na prova'. Ele não precisa nem dizer, você já sabe que aquilo vai cair na prova. Então você anota aquela informação que vai cair na prova. E aí na véspera da prova, de praxe, você pega aquela informação e decora, escreve na mão, põe cola no bolso e tal. E aí você vai ter aquela informação contigo pra prova. [...] (E6).

Tanto em um caso quanto no outro, aquilo que deve ser focalizado já está pré suposto. E, a não detecção é interpretada como deficiência e recaindo sobretudo na patologização do aluno. Neste contexto, o aluno que não consegue manter sua atenção

⁹ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Escola de Enfermagem Ana Nery em 28 de maio de 2008.

contínua durante uma aula e focalizar aquilo que é esperado, tem sido diagnosticado como padecendo de um *déficit* ou transtorno de atenção.

Porém, se ao invés de trabalharmos com a referência da vigilância como funcionamento atencional privilegiado na sala de aula, explorarmos as múltiplas formas da atenção circular e se fazer presente talvez surjam novas possibilidades. Neste sentido, a proposta de Yves Citton (2014) de pensar uma ecologia da atenção nos parece interessante, embora não sem riscos.

Citton (2014) propõe uma inflexão no estudo da atenção. No cerne de seu argumento está um deslocamento metodológico. Mais especificamente, interessa-lhe afastar-se das abordagens individualistas que marcam a maioria dos estudos da atenção, defendendo a necessidade de se pensar numa ecologia da atenção (CITTON, 2014, p.35-36).

Para ele, formular a questão da atenção apenas como um problema de como alguém presta ou deixa de prestar atenção a algo é individualizar a questão. Isto implica em deixar de perceber uma vasta trama de processos coletivos, relacionais e transindividuais que engendram diferentes regimes atencionais que, por sua vez, corporificam-se em determinados modos-indivíduos. O problema de como alguém presta ou deixa de prestar atenção em algo deve e pode ser abordado. No entanto, não se trata do ponto de partida. Assim, Citton segue uma trajetória que parte da atenção coletiva, passando pela atenção conjunta até chegar à atenção individuante. Neste caminho, põe-se a analisar as diferenças entre a atenção presencial e não presencial, adentra nas discussões sobre atenção automática e o problema das multitarefas. Todas essas discussões são tecidas de maneira articulada com as questões econômicas, políticas, sociais e midiáticas. Portanto, quando ele chega ao individual, em função desse olhar ecológico, ampliado, este individual precisa necessariamente ser pensado como resultante de um processo de individuação, como algo produzido, efeito desta rede atencional-processual mais vasta que está em contínuo movimento.

Cabe esclarecer que a proposta da ecologia da atenção nasce principalmente como uma alternativa à formulação mais ou menos consensual da existência de uma economia da atenção. No entanto, ao procurar escapar dos impasses colocados a partir do olhar econômico individual – gestão ótima dos recursos raros – a ecologia da atenção dará visibilidade a um folheado de regimes atencionais que co-existem em nós e no mundo cujo desafio, nós afirmamos, é a sustentabilidade e não mais o lucro.

Felix Guattari (2015), ao elaborar sua ecosofia¹⁰, ressalta como característica principal de uma apreensão ecológica a reinvenção de universos de valores. Citamos:

A subjetividade coletiva regida pelo capitalismo está polarizada por um campo de valores: rico/pobre, autonomia/assistência, integração/desintegração. Mas será este sistema hegemônico de valorização o único concebível? Será ele o corolário indispensável a toda consistência do socius? Será que não se pode contemplar a emancipação de outros modos de valorização (valor de solidariedade, valor estético, valor ecológico...)? A ecosofia trabalhará precisamente em uma implantação dos valores (GUATTARI, 2015, p.35).

E defenderá a importante função da arte nesse processo:

A obra de arte, para aqueles que são seus usuários, é uma empresa de desenquadre, de ruptura de sentido, de proliferação barroca ou de empobrecimento extremo que arrasta o sujeito em uma recriação e uma reinvenção de si mesmo. Sobre ela, um novo suporte existencial oscilará sobre um duplo registro de reterritorialização (função de ritornelo) e de resingularização. O acontecimento de seu encontro pode fechar de maneira irreversível o curso de uma existência e gerar campos de possíveis 'longe do equilíbrio' do cotidiano (GUATTARI, 2015, p.55).

Moacir Gadotti (2008), ao buscar explicitar o que estaria em questão na sustentabilidade, defende a ideia de um equilíbrio dinâmico e a construção de outros referenciais. Citamos: “Quando falamos em vida sustentável, a entendemos como um modo de vida de bem-estar e de bem viver para todos, em harmonia (equilíbrio dinâmico) com o meio ambiente: um modo de vida justo, produtivo e sustentável” (p.75). Defende a sustentabilidade como uma referência para pensar a educação, em detrimento da competitividade. E ressalta a não existência de um modelo universal de sustentabilidade. Sendo assim, conceber a sala de aula a partir da ecologia da atenção implicará em olhar em um primeiro momento para como a atenção se equilibra de maneira dinâmica naquele ambiente, em seguida explorar os universos de valores existentes e, por fim, talvez, explorar os valores por vir. Apresentamos a fala de dois estudantes a respeito de como sentem sua atenção funcionar durante o estudo. Com elas, temos acesso a uma descrição de um funcionamento atencional dinâmico e que se aproxima do que estamos aqui nomeando como atenção sustentável e que em trabalho anterior chamamos de atenção suficiente (SANCOVSCHI, 2010, p.144):

[...] Eu acho que eu estudo melhor quando eu tô...é...prestando não atenção demais, nem de menos no estudo. Quer dizer, quando tem...se tiver só um

¹⁰ Guattari (2015) nomeia como ecosofia sua proposta que pretende reunir as várias ecologias (ambiental, científica, econômica, urbana, social e mental) no sentido da afirmação de uma escolha ético-política da diversidade, do dissenso criador, da responsabilidade em relação à diferença e a alteridade, a partir de onde ele examinará os fenômenos.

silêncio absoluto e eu com o livro, eu não vou conseguir ficar focado muito tempo. [...] Ao mesmo tempo, se tiver muito barulho e tal, distração, eu também não vou conseguir ficar focado. Então eu acho que teria que ter moderadamente com algum, sabe? Outras coisas e tal, outros estímulos. Sabe? Pra poder dar uma, sabe? É. Normalmente não coisa de mais nem coisa de menos me estimulando assim. (E4).

[...] É raríssimo eu me concentrar cem por cento. E raríssimo também eu não me concentrar em nada. É sempre uma concentração ali: entre o nada e o cem por cento. E sempre acontece. Quando tá no nada aí eu vou: “Pera, parou, vamos lá”, volto pro texto. Quando tá no cem por cento, aí é fantástico, algo tá acontecendo, aí você pode ter certeza que algo tá acontecendo de fantástico na minha vida. E fora isso, é o normal. Não me incomodo porque é o normal. É o normal pra mim. (E3).

A atenção desses estudantes, portanto, não está nem totalmente focada e nem totalmente distraída. Ela se equilibra de maneira dinâmica entre eles, o professor, a matéria, o ambiente, etc. E, este equilíbrio é atravessado pela rede de valores que constituem para eles o bom estudo.

SALA DE AULA COMO UM ECOSISTEMA ATENCIONAL

Pensar a sala de aula a partir da ecologia da atenção implica colocar em questão a ideia de que existe um lugar situado no tempo e espaço, previamente estabelecido, no qual professores e alunos interagem. Espaço, professores e alunos, assim como móveis, dispositivos tecnológicos, projeto político pedagógico, etc. passam a constituir um ecossistema. Neste, cada elemento tem uma participação singular que será variável no tempo e, que em função dos efeitos de ressonância atencional, reconfiguram o ecossistema. Dessa maneira, não é possível falar do aluno, de sua falta de atenção, de seu desinteresse sem que nos interroguemos sobre como a (des)atenção e o (des)interesse se configuram no ecossistema. Isto, certamente, nos implica a todos: alunos, professores, instituições de ensino etc.

Seguindo as pistas de Citton, vamos pensar, neste momento, o ecossistema atencional na sala de aula a partir de três modalidades atencionais que co-existem: a atenção coletiva, a atenção conjunta e a atenção individuante. Nesta mesma direção, destacamos a interessante análise de D. Boullier (2009) em que reflete sobre as muitas maneiras de ser atento àquilo que nos cerca. Este autor analisa quatro regimes de atenção: regime de alerta, regime de fidelização, regime de projeção e regime de

imersão¹¹. Estes dificilmente se encontram na vida cotidiana em estado puro, estando presentes em misturas variadas. Vejam, portanto, que analisar o ecossistema atencional implica uma abertura para um complexo folheado de atenções que co-existem, interpenetram-se e se co-afetam.

Retornando à perspectiva proposta por Citton, a atenção coletiva remete à ideia de que minha atenção está inscrita numa produção que me ultrapassa e para a qual, na maioria das vezes, não presto atenção. A moda e a mídia atuam justamente sobre essa produção, assim como nossa linguagem, crenças e saberes herdados das gerações anteriores. Desse modo, a atenção não apenas seleciona fenômenos do nosso ambiente, mas também constitui comunidades de sensibilidade e de ação. Nesta perspectiva, aquilo que chama atenção ou aquilo a que presto atenção tem menos a ver com características pessoais ou do objeto, e mais com uma complexa dinâmica que está para além do sujeito e do objeto mas que compõe o campo atencional. Aqui podemos pensar no caso dos currículos e dos temas que se tornam relevantes em determinados contextos de ensino.

Jorge Ramos do Ó (2017), ao se debruçar sobre a história da educação a partir do referencial foucaultiano, afirma a existência de uma política de governo da cognição que através, por exemplo, do currículo e de dispositivos como os livros didáticos, busca controlar aquilo que será conhecido e como será conhecido. Para Ó, o acesso aos textos originais, a diferentes materiais e suportes poderia tornar mais complexa a política de governo da cognição. Da perspectiva da atenção coletiva, porém, ressaltamos a presença de um limiar. Para que algo possa adentrar em nosso campo atencional é preciso um mínimo de sensibilidade compartilhada, sob pena de se constituir em *no sense*.

Um acontecimento ocorrido em uma das Instituições de Ensino Superior (IES) em que lecionamos nos parece tocar nos limites da atenção coletiva. O ano era 2015 e, depois de quase vinte anos de negociações, finalmente um novo currículo havia sido

¹¹ O regime de alerta captura a atenção pela saliência que é fisicamente impossível de ser ignorada. Costuma ser mobilizado na relação com as mass mídias. Dificulta experiências de longa duração. O regime de fidelização encontra-se no extremo oposto ao alerta. A fidelização visa estabelecer uma relação de confiança baseada sobre a escuta recíproca em longo termo, de modo a tentar garantir relações sem surpresas. No regime de projeção filtramos os estímulos através de critérios que tendemos a projetar sobre todos os ambientes. E, por fim, o regime de imersão encontra-se no extremo oposto ao de projeção. Ao contrário da projeção, a imersão favorecerá o mergulho em mundos radicalmente estrangeiros e exóticos, nos quais precisaremos inventar novos critérios de apreciação.

aprovado para o curso de psicologia naquela IES. Vivíamos também uma importante greve. Esta havia sido deflagrada inicialmente pelos estudantes, sendo seguida pelos funcionários e, por fim, pelos docentes. Os estudantes que deflagaram a greve em 2015 não eram os mesmos de 1995, ano em que foram iniciadas as negociações para a revisão do currículo. Não apenas porque os de 1995 já haviam há muito se formado, mas principalmente porque houve transformações importantes nas políticas de ingresso nas universidades públicas e em especial na IES em questão. Dentre as transformações, citamos o complexo sistema ENEM e SISU que possibilita um maior deslocamento dos estudantes brasileiros pelo extenso território nacional e a política de cotas. Assim, dentre os estudantes que deflagaram a greve, muitos não se sentiam incluídos na universidade, seja por dificuldades sócio-econômicas, seja pelas temáticas que viam ser abordadas pelo currículo. Dentre os docentes, muitos estavam na IES desde os anos de 1990. Neste contexto, em meio às atividades de greve, os estudantes começaram a reivindicar que fossem trabalhadas nas disciplinas temáticas que, embora na ordem do dia em nossa sociedade, passavam ao largo da formação dos futuros psicólogos. Era difícil para os docentes perceber o que estava acontecendo e como fazer diferente. Não raro os docentes concordavam com os estudantes no que diz respeito à importância das temáticas que eles queriam ver discutidas, mas entendiam que aquilo nada tinha a ver com seus estudos e suas disciplinas. Muita discussão precisou acontecer, muitos cartazes, ocupações precisaram ser forjados para que as coisas começassem a mudar e os docentes conseguissem atentar para uma nova forma de pensar e transmitir seus conteúdos. Uma das possibilidades de leitura deste acontecimento nos parece tocar nos limites da atenção coletiva. Aquilo que docentes e discentes constituem como digno de atenção. É como se naquele momento ementas, autores, textos, formas de organizar a aula que até então funcionavam e constituíam o horizonte a partir do qual a formação do psicólogo acontecia tivessem sido abalados. Outros elementos adentraram pela fronteira daquilo que até então se tinha como atenção coletiva. Aquilo que se constituía como essencial para a formação se alargou, outros autores e questões tornaram-se importantes. Neste caso, o problema da constituição da atenção coletiva encontra-se com as possibilidades que surgem quando esta é sensível aos atravessamentos da atenção conjunta. Neste encontro são as próprias fronteiras da atenção coletiva, daquilo que constitui nosso horizonte atencional coletivo que será retrabalhado.

A ideia da atenção conjunta¹² refere-se principalmente aos fenômenos de co-atenção presencial que acabam por revelar uma rede imbricada de atenções entrecruzadas. Prestamos atenção à atenção do outro. Pessoas, conscientes da presença do outro interagem em tempo real em função daquilo que elas percebem da atenção dos outros. Implica o sentimento partilhado de uma co-presença sensível às variações afetivas dos sujeitos implicados. De acordo com Citton, três fenômenos caracterizam situações de atenção conjunta: princípio de reciprocidade; esforço de sintonia afetiva que poderia ser traduzido por uma atitude atenciosa; práticas de improvisação, o que envolve riscos. Vale mencionar que o autor traz justamente situações de ensino para exemplificar e desenvolver a ideia de atenção conjunta. Segundo ele, quando o professor é sensível às manifestações atencionais dos alunos, consegue estabelecer a comunicação com mais facilidade. De acordo com Citton, as três dimensões da co-atenção presencial – atenção aos retornos atencionais (princípio de reciprocidade); conexão emocional (esforço de sintonia afetiva) e invenção (práticas de improvisação) – ajudam a entender como as formas de estruturação das aulas podem se transformar em ecossistemas atencionais estimulantes.

Como necessidade de atenção aos retornos atencionais, entende-se que a assimetria enunciativa não dispensa a necessidade de manter uma simetria atencional entre locutor e audiência, entre professor e alunos. Citton vai afirmar, então, que a conhecida lei de *marketing*, segundo a qual, para recebermos atenção, temos que prestar atenção, pode ser perfeitamente aplicada à educação. No entanto, diferente do *marketing*, que está antes preocupado em vender um produto ou uma ideia previamente concebidos, na educação as relações comportam (ou deveriam comportar) outras nuances. É neste ponto que entra a segunda característica que marca os processos de atenção conjunta. Trata-se da conexão emocional. Prestar atenção ao aluno e/ou ao que se passa na sala de aula pressupõe uma conexão afetiva. Não se trata necessariamente de gostar ou não gostar dos alunos, do espaço, das relações. Embora a conexão afetiva possa envolver o gostar e o não gostar, o que está em questão é a possibilidade ou não de encontrar e se deixar tocar pelo outro.

¹² O conceito de atenção conjunta é formulado inicialmente no campo dos estudos da psicologia do desenvolvimento para falar de um certo funcionamento atencional em jogo na relação mãe-bebê. Hoje a temática é estudada principalmente como índice para diagnóstico de autismo e de intervenção neste tipo de quadro clínico. Citton extrapola o campo da psicologia do desenvolvimento e nos faz ver que o fenômeno de atenção conjunta pode estar presente em quase todas as relações presenciais, inclusive de adultos, dentre elas a sala de aula.

Segundo Citton, se o professor deseja instaurar um ambiente propício às dinâmicas de atenção conjunta, deve aprender a sentir e a reconhecer tanto as ressonâncias afetivas harmoniosas quanto as dissonantes, que, juntas, configuram a sala de aula. Dessa maneira, não há como exercitar a atenção conjunta sem considerar a necessidade da invenção, do risco e da surpresa. Mesmo que os conteúdos sejam os mesmos, mesmo que as aulas já estejam planejadas, mesmo que estejamos lendo o mesmo texto ou estudando um autor já conhecido, na medida em que estou atento à atenção do outro, na medida em que estamos conectados, há sempre um quê de indeterminação que pode aparecer no aqui e agora. E é nesses momentos que a sala de aula ganha vida e movimento. Que o ensino e a aprendizagem transformam-se em contágio. Será que estamos prestando atenção aos nossos alunos? Como dividimos nossa atenção entre o conteúdo a ser apresentado, a forma como trabalharemos e os nossos alunos? É possível que os caminhos previamente estabelecidos sejam alterados? E os alunos? Para onde estão olhando? O que veem e escutam? Como veem e escutam? Seria interessante examinar como as tecnologias atravessam e interferem na atenção conjunta. Investigar as diferenças entre o uso do quadro branco e o data show. Analisar os efeitos da presença constante do celular conectado à internet móvel. Sobre o celular, nos parece curiosa a formulação de Citton que adverte sobre um certo vampirismo atencional produzido por esse dispositivo. O celular, ao tocar, nos retira da conexão com a situação presencial e nos lança em outra relação. No entanto, como todos aqueles que habitam o universo da sala de aula na universidade já devem ter notado, o celular serve a muitas funções: fotografar o quadro e fazer pesquisas rápidas, mas também conversar, acessar redes sociais, etc.

Já a atenção individuante que, diferente da atenção individual, não parte de alguém ou de algum lugar, mas faz nascer esse alguém ou lugar, revela uma certa dinâmica circular: eu valorizo aquilo ao que presto atenção e presto atenção ao que valorizo. Eu só presto atenção àquilo que me interessa e me interessa aquilo a que eu presto atenção. Isso está presente tanto para alunos quanto para professores. Torna-se, portanto, uma questão saber como intervir para que esta dinâmica circular favoreça o aparecimento de círculos virtuosos e não viciosos. Como favorecer para que os processos de individuação favoreçam a emergência das singularidades? Como produzir rachaduras, hesitações? Aqui a questão da arte mencionada acima parece fornecer pistas. Não se trata, porém de ensinar arte, mas de elaborar uma aula que possibilite a subversão dos valores. De fazer pensar o ainda não pensado. Nas

palavras de Guattari (2015, p.56): “Como fazer viver uma classe escolar como uma obra de arte? Quais são as vias possíveis de sua singularização, fonte de conexão existencial das crianças que a compõe?”. Embora o nosso foco não sejam as crianças mas os jovens, trata-se do mesmo problema: Como pensar a sala de aula como obra de arte? Quais as possibilidades de ali favorecer processos de singularização? Seguindo a mesma orientação, Citton (2014) propõe, apoiado em autores como Nicholas Carr, Jaques Ranciere e Jean-Marie Schaeffer, a criação de laboratórios estéticos. Estes são pensados como espaços, ao mesmo tempo de suspensão dos funcionamentos (cognitivos) habituais e de experimentação. Visam desestabilizar os padrões de valorização que nos subjetivam de maneira hegemônica. Em especial, a valorização capitalista que está na base da economia da atenção. Esta mede o valor de um bem ou de uma atividade por sua capacidade de maximizar os lucros do investidor. Portanto, a experimentação vivida no contexto dos laboratórios estéticos, ao operar sobre a equivocação dos modos habituais de olhar e perceber o mundo, pode favorecer processos de singularização. Neste caso, conceber a sala de aula como um laboratório estético seria um modo de intervir sobre o ecossistema atencional.

SALA DE AULA COMO LABORATÓRIO ESTÉTICO

A proposta de pensar a sala de aula como laboratórios estéticos - termo usado por Citton (2014) – ou como obra de arte – termo usado por Guattari (2015) – coloca ênfase nos processos de experimentação, transformação e singularização. Entendemos que a experiência da sala de aula extrapola a aquisição de conteúdos ou informações. Não somos os únicos e tampouco os primeiros a efetuarem tal afirmação. Todo um grupo de trabalho que ficou conhecido como tendo implementado uma pedagogia institucional defende que a sala de aula está para além da transmissão de informações. Não que as informações e os conteúdos não sejam importantes; no entanto, não são suficientes. Dentre os teóricos mais famosos desta abordagem, citamos Paulo Freire e Célestin Freinet. Porém, diferentemente desses educadores, quando afirmamos, a partir de uma discussão acerca da atenção, que a sala de aula é antes um lugar de experimentação que de transmissão de informações, desejamos enfatizar o importante trabalho de professores que, sem abrir mão daquilo que deve ser ensinado, ousam trilhar novos caminhos inventados a partir de um exercício de atenção conjunta com os estudantes. A sala de aula como laboratório estético transforma-se em espaço

político em que círculos viciosos podem tornar-se virtuosos. Em outras palavras, tomar a sala de aula a partir da referência dos laboratórios estéticos possibilita deslocar as falas recorrentes, principalmente por parte dos estudantes, mas também pronunciada por professores, como por exemplo: Eu quero saber apenas sobre aquilo que me interessa e/ou, me interessa apenas aquilo sobre o que já sei. Como argumenta Citton a respeito de algumas experiências atencionais no museu¹³, os laboratórios estéticos efetuam a suspensão dos nossos modos de funcionar habituais, nos lançando na experiência, por meio de um exercício contemplativo, e fazendo retardar as atividades de categorização. Desse modo, valores e interesses impensados podem aparecer. Citamos Palmas, Rodrigues e Moraes (2012, p.641) a respeito da potência política da nossa atuação no fazer cotidiano da sala de aula:

Se toda política é macro e micropolítica simultaneamente, é na dimensão micromolecular do cotidiano da formação na sala de aula que podemos abrir brechas, provocar fissuras, construir passagens para as linhas de fuga que possibilitam driblar as máquinas de devorar almas, saindo assim, da sonolência, da apatia e da imobilidade que nos deixam a mercê das forças que modelam subjetividades negociáveis.

E continuam nos provocando ao denunciarem o perigo da acomodação no mundo acadêmico: “Esse mundo acadêmico – parecido em todas partes – precisa da potência do delírio que como um vendaval arraste os saberes-verdades, porque queremos inventar nossas próprias verdades, criar nossos próprios problemas, nosso próprio mundo, vivido na imanência de uma vida” (PALMAS, RODRIGUES & MORAES, 2012, p.641).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos esse texto afirmando a existência de impasses nas salas de aula contemporâneas e escolhemos o caminho dos estudos da atenção para explorar aspectos desses impasses. Ao deslocarmos a maneira de compreender a atenção na sala de aula, da vigilância para a proposta ecológica, vimos nascer uma complexidade de regimes atencionais que co-existem e se co-afetam. Dessa forma, a queixa sobre a

¹³ Dentre estas experiências cita o ativismo atencional praticado pelo coletivo internacional Order of the third bird. Trata-se de um grupo de pessoas que se reúnem para desenvolver exercícios atencionais. Buscam cultivar ativamente sua atenção e, ao mesmo tempo, nutrir, por meio da contemplação ativa, obras de arte que estejam sofrendo de “falta” de atenção. Segundo Citton, a intensidade e a ritualização da atenção sustentada praticada pelo grupo chama atenção dos que por eles passam e isto, em geral, produz um olhar curioso para a obra (CITTON, 2014, p.222).

(des)atenção torna-se insuficiente para analisar o que está em questão nas salas de aula. Ao invés de questionar sobre como captar a atenção, como produzir foco e interesse ou lamentar pela não atenção, destacamos a importância de examinar como a atenção está circulando. A proposta ecológica faz perceber um ecossistema atencional que funciona de maneira dinâmica onde o desafio é torná-lo sustentável.

Com Gadotti, argumentamos que a sustentabilidade remete tanto à ideia de um equilíbrio dinâmico quanto à existência de um sistema de referências ou, nas palavras de Guattari, um sistema de valores. Quais as referências e valores presentes na sala de aula? Neste contexto, a proposta de pensar a sala de aula como laboratório estético possibilita uma intervenção que opera sobre os limites dos valores e referências existentes, explorando aqueles por vir. Sendo assim a sala de aula torna-se um espaço-tempo de intervenções que podem favorecer a transformação de círculos viciosos em virtuosos.

Assim, em vez de lamentar pela ausência de uma atenção ideal, acreditamos que uma alternativa é uma intervenção na forma de experimentações. Pensada e efetivada em parceria com os estudantes, esta proposta pode favorecer a emergência de diferentes ecossistemas atencionais.

Nossa expectativa é de que tais experimentações operem sobre um certo regime atencional habitual presente nas salas de aula. E que, por meio da atenção conjunta e através da construção de diferentes dispositivos, promova a disposição ou a abertura necessária para convocar outras atenções, produzindo diferentes relações entre alunos e professores e destes com o conhecimento. Chegaremos a transformar o sistema de referências e valores? Conseguiremos construir círculos virtuosos? Não temos no momento elementos para responder estas questões. No entanto, nos parece que o caminho da ecologia da atenção abre novas perspectivas para enfrentar os impasses que vemos nascer nas salas de aula nos dias atuais.

Sobre o artigo

Recebido: 01/08/2018

Aceito: 31/10/2018

REFERÊNCIAS

- AMADO, Luiz A. Saléh. A organização curricular e a avaliação da aprendizagem como dispositivos pedagógicos: uma experiência em EJA. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 542-557, dez. 2016.
- BATIZ, E. C.; GOEDERT, J.; MORSCH, J. J.; KASMIRSKI-Jr, P.; VENSKE, R. Avaliação do conforto térmico no aprendizado: estudo de caso sobre influência na atenção e memória. **Produção**, v. 19, n. 3, p. 477-488, 2009.
- BOULLIER, Dominique. Les industries de l'attention: fidélisation, alerte ou immersion. **Réseaux**, Editions Hermes, 2009, p.231-246.
- CITTON, Yves. **Pour une écologie de l'attention**. Paris: Éditions du Seuil, 2014.
- COREA, Cristina. **Pedagogia del aburrido: escuelas destituidas, familias perplejas**. Buenos Aires: Paidós, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- FOUCAULT, Michel. A Escrita de si. In: _____. **Ditos e escritos**. Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. Volume V: Ética, sexualidade, política: organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta. P. 144 a 162.
- GADOTTI, Moacir. Educar para a sustentabilidade. **Inclusão Social**, Brasília, v.3, n.1, p.75-78, out.2007/mar 2008.
- GOMÉZ-INIGUEZ, C.; CARBONEL-VAYÁ, E.J.; MARTIN DEL RIO, B. Análisis conceptual del término vigilancia desde principios del s.XX hasta la actualidad: una perspectiva histórica. **Revista de Historia de la Psicología**. v.20, n.3-4, p.414-428, 1999.
- GUATTARI, Felix. **Que és la ecosofia?: textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud**. Buenos Aires: Cactus, 2015.
- HAYLES, Katharine. Hyper and Deep attention: the generational divide in cognitive modes. **Profession**, v.13, 2007, p. 187-199.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, (p. 20-28), 2002.
- LEWKOWICZ, Ignacio. Escuela e Ciudadanía. In: COREA, Cristina. **Pedagogia del aburrido: escuelas destituidas, familias perplejas**. Buenos Aires: Paidós, 2011. p. 19-40.
- MARCHIORI, L. L. de M., MELO, J. J., MELO, W. J. Avaliação docente em relação às novas tecnologias para a didática e atenção no ensino Superior. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 16, n. 2, p. 433-443, jul. 2011.

MOREL, Cristina M.T; AMADO, Luiz A. S. Práticas pedagógicas e produção de subjetividades: a atenção e as novas tecnologias. **Psicologia em Estudo**, Maringá, n.4, v.21, (p.687-697), 2016.

Ó, Jorge R. do. O governo da cognição: emergência histórica do dispositivo curricular e pedagogização do conhecimento. In: ALVES, Alves, Luís Alberto Marques (coord.) et al. - **Investigar, Intervir e Preservar em História da Educação**. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”, 2017.

PALMA, Nedelka; RODRIGUES, V; MORAES, M. Psicólogos em forma[ta]ção: cartografias de um esboço de autoanálise. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v.12, n.2, (p.623-647), 2012.

VERMERSCH, Pierre. **L’entretien d’explicitation**. Issy-les-moulineaux, ESF éditeur, 2000.

SANCOVSCHI, Beatriz. **Sobre as práticas de estudo dos estudantes de psicologia: uma cartografia da cognição contemporânea**. 2010, 253 páginas. Tese (Doutor em psicologia). Programa de pós graduação em psicologia da UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2010.

SANCOVSCHI, Beatriz e KASTRUP, Virginia. Computador-internet nas práticas de estudo contemporâneas: uma pesquisa com estudantes de psicologia. **Psicologia: ciência e profissão**, n.35, v.1 (p.63-95), 2015.

SANCOVSCHI, Beatriz e KASTRUP, Virginia. Práticas de estudo contemporâneas e a aprendizagem da atenção. **Psicologia & Sociedade**, n. 25, v.1 (p.193-202), 2013.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.